

MALFORMAÇÃO, MÁ FORMAÇÃO

Joffre Marcondes de Rezende¹

A palavra *malformação*, de largo uso em biologia e medicina, tem sido apontada como mal formada pelos guardiães da língua portuguesa. O argumento utilizado é sempre o mesmo: *mal* é advérbio, e antes de um substantivo deve vir um adjetivo e não um advérbio; portanto, em lugar de *mal* deve usar-se o adjetivo feminino *má* – *má formação*, palavra que também aparece escrita de duas outras maneiras: *má-formação* e *maformação*.

É óbvio que a norma gramatical alegada é correta e deve ser observada. Contudo, a questão não é tão simples como parece à primeira vista e merece uma análise mais detida.

Em primeiro lugar, apesar de suas raízes latinas, o termo não teve o seu berço na língua portuguesa. Fosse esse o caso, certamente a citada regra teria sido obedecida. A introdução da palavra no vocabulário médico se deu na língua inglesa em 1800, segundo o *Oxford english dictionary* (1), e na língua francesa em 1867, segundo Robert (2). Em ambas essas línguas a palavra tem a mesma representação gráfica – *malformation*.

Nenhum dicionário da língua portuguesa do século XIX registra *malformação* ou *má formação*, e os lexicógrafos do século XX dão o termo como uma adaptação do francês (3, 4) ou do inglês (5).

No dicionário de Aulete-Garcia, 3.ed., lê-se o que segue: “Malformação - (med.). O termo vem do inglês *malformation* e este do latim *mal(a)* + *formatio*, donde ser artificial a variante *má-formação*, pretendida por alguns” (5).

Malformação não é a única palavra da língua portuguesa em que aparece *mal* em lugar de *má*. Temos, consagradas, *malcriação*, *malfeitoria*, *malsonância*, *malquerença*, *malversão* ou *malversação* e *malandança*.

¹ Professor Emérito da Universidade Federal de Goiás.

Endereço para correspondência: e-mail: jmrezende@cultura.com.br

Recebido para publicação em 4/9/2001.

Em nenhum dos casos pode-se afirmar que *mal* entrou na composição da palavra como advérbio. *Malcriação*, segundo Pedro Pinto, é resultante de uma forma arcaica *malacriação* (6). Embora a maioria dos nossos lexicógrafos ainda não tenha tomado conhecimento do fato, *malcriação* já não é o mesmo que *má criação* na linguagem popular e tornou-se sinônimo de *malcriadez*, que é pouco usado, ou seja, expressa resposta desaforada a um superior, ação ou dito descortês, indelicado, grosseiro (7). No caso de *malfeitoria* admite-se que a palavra seja derivada de *malfeitor*, que a precedeu (8). Do mesmo modo se explica *malsonância*, derivada do adjetivo *malsonante* (8). *Malversão* e *malversação* são deverbais de *malversar*, do latim *male versari* (comportar-se mal) (5). *Malquerença* é igualmente um derivado pós-verbal de *malquerer*(9). No caso de *malandança*, não poderia tratar-se de um l eufônico para evitar o encontro vocálico *a-a*?

Assim, cada exceção à regra tem sua razão de ser e não surgiu por acaso ou por ignorância.

No Brasil, o termo *malformação* aparentemente era pouco empregado no início do século XX. Basta dizer que o mesmo não figura na obra especializada *Noções de teratologia*, publicado na Bahia em 1914, pelo Prof. Guilherme Rebello, quem utilizou *anomalia* e *aberração* em lugar de *malformação* (10).

Aos poucos o termo *malformação* foi sendo incorporado à linguagem médica, e já em 1938 Pedro Pinto comentava que o mesmo estava sendo utilizado “pelos melhores escritores médicos de nosso tempo” (11).

Os léxicos da língua portuguesa, editados a partir de 1950, têm assumido posições divergentes entre si no tocante ao termo *malformação*. Poderíamos catalogá-los, conforme o critério adotado, nos seguintes grupos:

1. Os que averbam as duas formas, *malformação* e *má formação*, não fazendo distinção entre elas (12, 13, 14).

2. Os que registram as duas formas, com preferência para *malformação* (5, 15, 16).

3. Os que registram as duas formas, com preferência para *má formação* (4, 8, 17).

4. Os que averbam as duas formas, com maior abrangência semântica para *malformação* (9, 18, 19).

5. Os que consignam apenas *malformação* (3, 20).

6. Os que ignoram ambas as formas (21, 22).

Observe-se a mudança de posição do *Aurélio*, que estava no grupo 2 na segunda edição e passou para o grupo 3 na terceira edição.

Aqui, como em tantas outras questões lingüísticas, deve prevalecer, acima das regras gramaticais, o bom senso e o respeito ao uso e à tradição, sobretudo quando não há unanimidade de pontos de vista entre os doutos e letrados.

Convém lembrar que essa discussão se refere unicamente à linguagem médica e não à linguagem em geral. É bem de ver que, na linguagem literária, a expressão *má formação* emerge naturalmente na exposição de uma idéia, fato ou evento, sempre que se procura caracterizar a gênese imperfeita, a variante anômala ou incompleta do ser ou do objeto em referência.

Como termo técnico, no entanto, *malformação* tem significado preciso e acha-se definitivamente integrado no vocabulário biomédico. De acordo com o banco de dados da BIREME, disponíveis através do programa LILACS, foram publicados nos últimos 20 anos (1981 a 2000) 141 artigos científicos em revistas médicas brasileiras, utilizando, no título do trabalho, ou *malformação* no singular, ou *malformações* no plural, e nenhum com a palavra *má formação* em qualquer de suas variantes, o que demonstra que *malformação* tem a preferência absoluta dos profissionais da área da saúde e deve prevalecer (23).

O único reparo que se poderia fazer diz respeito à expressão *malformação congênita* ou, o que é mais comum, *malformações congênitas* no plural. Dos 141 trabalhos indexados pela BIREME, acima referidos, 12 utilizaram a expressão *malformação congênita* no singular, e 42, *malformações congênitas* no plural.

Já em 1898, Littré definia claramente o caráter congênito das malformações, reservando a denominação de *deformações* para os defeitos adquiridos (24). Subentende-se, portanto, que toda malformação é congênita.

REFERÊNCIAS

1. *Oxford English Dictionary* (Shorter), 3.ed. - Oxford, Clarendon Press, 1978.
2. Robert P. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, Dictionnaires Le Robert, 1987.
3. Nascentes A. *Dicionário da língua portuguesa* (4 vol.) Academia Brasileira de Letras, 1961-1967.
4. Cunha AG. *Dicionário etimológico*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
5. Aulete FJC, Garcia H. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 3.ed. (5 vol.) Rio de Janeiro, Ed. Delta, 1980.
6. Pinto PA. *Dicionário de termos médicos*, 5ª ed. Rio de Janeiro, 1949.
7. Cabral T. *Novo dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza (CE), Ed. UFC, 1982.
8. Ferreira ABH. *Novo dicionário da língua portuguesa*, 3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1999.
9. Michaelis - *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo, Cia. Melhoramentos, 1998.
10. Rebello GP. *Noções de teratologia*. Bahia, Liv. Catilina, 1914.
11. Pinto PA. *Dicionário de termos médicos*. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1938.
12. Morais Silva A. *Grande dicionário da língua portuguesa*, 10.ed. (12 vol.), Lisboa, Confluência, 1949-1959.
13. Bueno FS. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa* (8 vol.) São Paulo, Ed. Saraiva, 1963.

14. Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, 3. ed. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1999.
15. Paciornik R. *Dicionário médico*, 2.ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1975.
16. Ferreira ABH. *Novo dicionário da língua portuguesa*, 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1986.
17. Cegalla DP. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1996
18. Freire L. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, 3.ed. (5 vol.) Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1957.
19. *Grande Dicionário Brasileiro Melhoramentos*, 8.ed. (5 vol.) São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1975.
20. Rey L. *Dicionário de termos técnicos de medicina e saúde*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan S.A., 1999.
21. Machado JP. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 3.ed. (5 vol.) Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
22. Séguier J. *Dicionário prático ilustrado*. Porto, Lello & Irmão Ed., 1981.
23. Bireme - <http://www.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/>
24. Littré E. *Dictionnaire de médecine, de chirurgie, de pharmacie et l'art vétérinaire et des sciences qui s'y rapportent*, 18. ed. Paris, Librairie J.-B. Baillière et Fils, 1898.